

## TRIENTE INÉDITO DE ERVÍGIO

POR PEDRO BATALHA REIS

*A Memória do grande entusiasta pela série visigoda da Lusitânia, e Numismata ilustre que foi o meu saudoso Amigo tenente-coronel António Elias Garcia.*

As moedas visigodas, que já se encontram estudadas no seu conjunto, graças aos valiosos trabalhos de Aloïss Heiss, Prof. Felipe Mateu y Llopis e dr. George C. Miles, constituem uma das séries mais interessantes, da moeda que circulou no torrão onde hoje é Portugal.

Ao prestar agora pública e póstuma homenagem ao tenente-coronel António Elias Garcia, não posso nem quero deixar de salientar ter sido ele quem mais trabalhou e escreveu, entre nós, acerca das moedas visigodas, enfileirando assim ao lado daqueles, como Franz Görres, D. Pio Beltran, Wilhelm Reinhart e outros mais, que pelos seus estudos monográficos largamente contribuíram para as obras globais do numerário visigodo.

Por outro lado, como esses trabalhos de conjunto, especialmente os dois últimos, são recentes, e nomeadamente o de Miles, verdadeiro *Corpus Nummorum Visigothorum*, pois não tem ainda uma década, <sup>(1)</sup> todas as últimas contribuições não poderão por enquanto ir além de achegas — como esta de que agora damos notícia — para que um dia, mais tarde, outro refunda os materiais carreados a pouco e pouco, e refaça em novos moldes um outro Corpus, a que possivelmente se dará maior desenvolvimento histórico e documental.

A moeda de que ora damos notícia é um *triente* de Ervigio cunhado em *Gerunta* ou *Gerunda*, a moderna Gerona, na Província *Tarraconensis*, da velha Península Ibérica.

Antes de entrarmos no exame directo dessa moeda digamos primeira-

---

<sup>(1)</sup> Obra que se intitula *The Coinage of the Visigoths of Spain Leovigild to Achila II*, New York, 1952.

mente duas palavras de quem era Ervígio, ou melhor do papel que ele desempenhou no trono que fora do grande Leovigildo.

Dentre os visigodos, cuja proverbial nobreza de carácter constituia o seu maior orgulho, representa Ervígio o indigno papel do ingrato e do traidor, quando não do assassino.

Corria o ano de 680 reinando um dos mais ilustres godos de todos os tempos, pelo seu nobre carácter e humana benevolência, o respeitável ancião Wamba (672-680), que fôra eleito unânimemente oito anos antes, pelo prestígio de que gozava, não só como militar dos mais esforçados, mas ainda e sobretudo, pela sua bondade e saber, quando Ervígio, o Conde do Palácio, que tinha casado com uma parenta do sanguinário Chindasvinto, deu a beber a Wamba uma beberagem (ou um veneno como outros crêem) que o prostrou em profundo sono letárgico. <sup>(1)</sup>

Aproveitando-se então dessa circunstância, Ervígio mandou cortar os cabelos ao Rei, tonsurando-o e vestindo-lhe um hábito monacal, por conhecer o espírito religioso de Wamba que o não regeitaria. Com efeito, quando este acordou e se viu como um monge, não quis violar os preceitos do Concílio, que interdiziam a subida ao trono a todo aquele que tivesse sido tonsurado e houvesse recebido os hábitos conventuais, e assim aceita de boamente o burel que lhe impuseram por troca da coroa real.

Deu então o respeitável Wamba mais uma lição de admirável sabedoria mostrando que para ele mais valia o que o burel representava — a vida consagrada a Deus — do que as pompas vãs deste mundo, em cetros reais que fossem representadas.

Com esse generoso e grandioso procedimento, Wamba evitou também que se repetissem os distúrbios no seu Reino, que anos antes se haviam registado por outras traições que ele sufocou, poupando no entanto a vida aos traidores condenados à pena de morte. Era assim o grande Wamba!

Ervígio, para fazer reconhecer os seus direitos ao trono, como sucessor de Wamba, e depois de haver sido coroado pelo metropolitano de Toledo, oito dias depois de Wamba se haver retirado ao convento, reuniu o Concílio como era da praxe e ali apresentou três documentos: um auto assinado pelos grandes do Palácio dizendo que fora Wamba de sua livre vontade que havia recebido a tonsura e o hábito de monge; a abdicação de Wamba nomeando

---

(<sup>1</sup>) Segundo a moderna crítica. Wamba deve ter sido assassinado por Ervígio, devendo ser falsos todos os documentos apresentados por Ervígio ao Concílio. Cfr. Francis X, Murphy, *Julian of Toledo and the fall of the Visigothic Kingdom in Spain*, in *Speculum*, XXVII, 1, págs. 1 a 27.

seu sucessor: Ervígio; e finalmente uma carta do estóico Wamba ao metropolitano Juliano recomendando-lhe que a sagração de Ervígio se fizesse segundo os preceitos consuetudinários. <sup>(1)</sup>

O reinado de Ervígio (680-687) durou apenas sete anos, tendo entretanto casado sua filha Cixilona com Égica, sobrinho de Wamba, e para quem passou o cetro por morte de Ervígio, tendo-lhe por isso o velho Wamba sobrevivido, segundo dizem, e visto passar a sua antiga coroa, para seu sobrinho: Égica.

O ineditismo desta moeda não reside no nome do soberano que a cunhou — pois são muitos e variados os *trientes* que se conhecem de Ervígio —, nem tão-pouco no tipo, ou no local de lavramento que é conhecido, mas noutras particularidades que passaremos a relatar.

Na verdade são conhecidos *trientes* de Ervígio, assim como nos é conhecida a oficina monetária de *Gerunda*, em variados *trientes*, mas o que até hoje se não conhecia era qualquer moeda de Ervígio cunhada nessa cidade. É pois nesse particular que é inédita a moeda que apresentamos: *silicet*, o labor monetário de *Gerunda* no reinado de Ervígio. E este facto adquire ainda mais interesse quando atentamos em que, durante os Reis visigodos que cunharam moeda em seu nome — de Leovigildo a Achila II — ou sejam 21 soberanos, a oficina monetária de *Gerunda* cunhou moeda não apenas 8 vezes como se julgava <sup>(2)</sup> — nos reinados de Witterico, Sisenando, Chintila, Reccesvintho, Égica, Wittiza e Achilla II — mas sim 9 vezes, se incluímos a laboração no reinado de Ervígio que este *triente* documenta, e que até hoje se desconhecia.

Dois apenas foram os epítetos que *Gerunda* deu aos Reis que ali cunharam moeda:

*IVSTVS* a Witterico, Sisenando e Chintila;

*PIVS* a Reccesvintho, Ervígio, Égica, Wittiza e Achila II;

ainda neste caso, como noutros que adiante apontaremos, é a regra estabelecida por Reccesvintho que prevalece.

Para melhor salientar a raridade do exemplar em estudo, vejamos o quadro geral das cunhagens de *Gerunda* sob os Reis Visigodos: <sup>(3)</sup>

---

<sup>(1)</sup> Cfr. Heiss, *Description Générale des Monnaies des Rois Visigoths d'Espagne*, Paris, 1872, pág. 127.

<sup>(2)</sup> Cfr. Míles, *Ob. cit. passim*.

<sup>(3)</sup> *Apud* Míles, *ibidem*, págs. 70-71.

## QUADRO DOS TRIENTES CONHECIDOS DE GERUNDA

Nome do Rei	Exemplares	Nome do Rei	Exemplares
Leovigildo		Tulga	
Hermenegildo		Chindasvintho	
Reccaredo		Reccesvintho	1
Liuva II		Wamba	
Witterico	4	<i>Ervigio</i>	1
Gundemaro		Égica	9
Sisebuto		Suniefredo	
Suinthila		(Égica & Wittiza)	19
Sisenando	3	Wittiza	12
Iudila		Rodrigo	
Chintila	2	Achila II	1
		Total:	52

Por este quadro se vê claramente o grau de raridade da moeda de que hoje damos notícia: o *triente* de Ervígio cunhado em *Gerunda* — que constitui uma peça única dentre a numária de Ervígio.

No respeito ao tipo, a moeda que descrevemos estiliza o último modelo dos trientes de Wamba, de cabeça à direita, com pescoço esguio e breve rematado por um traço horizontal, o que se repete igualmente em Égica, <sup>(1)</sup> e com tal semelhança que à primeira vista parece ser de Ervígio.

No reverso temos a Cruz sobre *um altar de 3 degraus* <sup>(2)</sup> cujo tipo fora iniciado na série visigoda, por Leovigildo, mas então com o altar de 4 degraus, que aliás os seus descendentes directos não usaram, e que nos aparece neste *triente* de Ervígio por cópia das moedas dos reinados anteriores, mas agora com 3 degraus sòmente, <sup>(3)</sup> desde que Reccesvintho restituiu esse antigo tipo, que Leovigildo por seu turno foi buscar às moedas de Bizâncio.

A legenda do Anv. apresenta-nos uma ligeira variante das moedas

<sup>(1)</sup> Cfr. Heiss, Pl. X, 7 e Miles, Est. XXXII, 9: ex. actualmente em Stuttgart.

<sup>(2)</sup> Vid. o que a este respeito dizemos no nosso estudo *Elisabona Felicitas Ivlia, Nova oficina monetária dos visigodos*, in *NVMMVS*, Vol. V, pág. 135, de que se fez Separata.

<sup>(3)</sup> Há todavia algumas excepções, ainda que raras, com 4 degraus também.

TRIENTE VISIGODO DE ERVIGIO



*Ampliado 4 vezes*



*Cunhado em Gerunda*



cunhadas em *Gerunda*; pois enquanto na maioria dos casos a invocação *In Dei Nomine* — em nome de Deus — aparece representada por 2 ou 3 letras, neste triente, como na maior parte das vezes, as palavras *In Dei* estão igualmente representadas pela sigla formada por: I N D, e a palavra NOMINE é em geral figurada pelas 2 ou 3 primeiras consoantes: ao passo que na moeda em estudo vê-se apenas a inicial: N. Todavia, o interesse das legendas reside mais na grafia de certas letras, do que pròpriamente no texto delas, que não nos traz novidades.

No reverso, o que se nos afigura mais interessante é a sigla formada pelas letras R e X, como abreviatura da palavra REX; em que a perna posterior do R se estende horizontalmente de modo a formar o braço horizontal duma cruz que é cortada por novo elemento vertical. E neste curioso simbolismo do gravador poder-se-ia talvez adivinhar a intenção de querer marcar o espírito religioso do soberano na fusão da inicial de Rex com a Cruz.

No reverso duas letras merecem especial menção: a inicial de *Gerunda* e a penúltima letra dessa palavra.

No que toca à inicial, dir-se-ia à primeira vista que está representada por um S, dada a semelhança que realmente existe entre essa letra e o S de PIVS com que termina essa legenda. Estando portanto, essas duas letras, a primeira e a última dessa legenda, por ser circular, junto uma da outra, ou melhor, apenas separadas pela + com que geralmente se iniciam, ou iniciavam outrora, as legendas, o que permite uma fácil comparação por contexto, donde se verifica a similitude gráfica dos extremos dessa legenda. Todavia, essa aparente igualdade resulta aliás dos fracos recursos monetários de então, o que tem levado os mais eminentes numismólogos a considerar essa inicial erradamente escrita, por tomarem-na por um S. Quanto a nós julgamos antes que não houve erro algum, e que essa letra quis ser e é um G, diferente do S — como vamos tentar demonstrá-lo.

Com efeito, tanto o S, como G, e como o E curvo que aí se vê no nome da localidade, são feitos com um único punção: em forma de meia lua, como se fôra um quarto de círculo, e cortado horizontalmente numa das pontas. Assim para fazerem o S colocavam esse punção ora com a curva para a direita, ora para a esquerda, sendo achatadas as pontas na sua ligação, como de igual modo acontece no E uncial em que esse punção curvo se repete, continuando a curvatura, para formar um semicírculo, no meio do qual um travessão se engasta no ponto de união dos 2 quartos de círculo, dando-se aqui para fusão dos 3 elementos o mesmo achatamento que se verifica no meio do S.

Ora, não tendo ainda os moedeiros visigodos em *Gerunda* um punção

especial para o G, por ser deminuta a sua aplicação, <sup>(1)</sup> recorreram àquele mesmo ferro de que acabamos de falar com que faziam normalmente a letra S; mas, embora colocassem duplamente o punção de  $\frac{1}{4}$  de círculo numa posição semelhante àquela com que faziam o S, em vez de juntarem e ligarem as pontas que ficavam no centro da letra, deslocaram levemente para a frente e para cima o elemento inferior, como que em jeito de o enganchar no arco superior; resultando pois, daí, um tosco G. E para exemplificação do que acabamos de dizer veja-se a ampliação da moeda em causa, comparando a primeira e última letras da legenda do reverso. <sup>(2)</sup>

No entanto, para que se não julgue ou alvitre que este caso foi mera coincidência, veja-se, para corroborar o que digo, o que acontece tal-qualmente num exemplar de Êgica, também de *Gerunta* ou *Gerunda*. <sup>(3)</sup>

Reparemos agora como está figurada a penúltima letra de *Gerunda*: em vez de D aparece um *theta* grego (gráficamente representado aqui por um O com um traço no meio) o que obriga, por transliteração a escrever: *GERVNNTA* ou *GERVNTHA*.

A introdução deste elemento grego nas legendas monetárias visigodas foi introduzido por Chindasvintho, seguido por Reccesvintho, e não se encontrando em Wamba, volta no entanto a aparecer em Ervígio, para continuar a empregar-se em Êgica e Wittiza que lhe sucederam.

No que toca à Metrologia diremos que este *triente* de Ervígio cunhado em Gerunda, e que ora tentamos estudar, apresenta o seu peso perfeitamente normal, pois que a média dos trientes conhecidos deste monarca é de 1,45 grama, e este exemplar pesa 1,41 grama. Igualmente o seu módulo se enquadra dentro da generalidade dos *trientes* dessa época com 19,5 milímetros, pertencendo a Almeida, Basto & Pombino.

Por último, ao terminar estas linhas, queremos de novo evocar a memória do grande Numismófilo tenente-coronel António Elias Garcia, a quem dedicamos este breve estudo, de assunto tanto do seu interesse, como preito de saudade e admiração.

<sup>(1)</sup> Devem-no tê-lo feito expressamente depois, em Gerunda, para escreverem o nome do Rei de que nos ocupamos: Ervígio, como aliás se vê no Anv. dessa moeda.

<sup>(2)</sup> Acrescente-se, pois, ao excelente quadro gráfico do alfabeto visigodo elaborado por Miles, *ob. cit.* entre págs. 148/149, mais esta expressão do G visigodo.

<sup>(3)</sup> Cfr. Miles, *ob. cit.*, Est. XXXII, n.º 9.